

A era do like e do silenciamento da reflexão: a juventude, a exposição digital e a complexidade civilizatória

The age of the like and the silencing of reflection: youth, digital exposure, and civilizational complexity

La era del like y el silenciamiento de la reflexión: la juventud, la exposición digital y la complejidad civilizatoria

Luciana Flor Correa Felipe

Doutora em Educação Científica e Tecnológica
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-4872-8418> E-mail: luciana.flor.c@gmail.com

Walter Antonio Bazzo

Doutor em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-0093-8229> E-mail: walter.bazzo@ufsc.br

Rev. Inf. na Soc. Contemp., Natal, RN, v. 10, 2026
ISSN 2447-0198

Submetido em: 25-02-2026
Reapresentado em: 18-05-2026
Aceito em: 18-05-2026

DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n1>



RESUMO

Introdução: No mundo contemporâneo, a internet ocupa lugar central na vida social, transformando linguagens, interações e modos de acesso e produção do conhecimento. Essa reconfiguração tecnológica modifica práticas sociais e culturais. Entre os grupos mais impactados por essas transformações estão os jovens. **Objetivo:** analisar como a cultura da exposição digital contribui para o afastamento da juventude da reflexão crítica sobre as variáveis contemporâneas da chamada "Equação Civilizatória". **Metodologia:** A pesquisa adotou uma metodologia qualitativa, de caráter bibliográfico e crítico, utilizando como *corpus* as considerações finais de teses de doutorado publicadas entre 2021 e 2023 no Catálogo da CAPES, analisadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo. **Resultados:** Os resultados indicam que a hiperconectividade e a lógica algorítmica criam "bolhas" que reforçam preferências individuais e estimulam o consumo acrítico de informações superficiais, dificultando o desenvolvimento do pensamento complexo. **Conclusão:** Conclui-se que a internet mantém os jovens em um estado de ocupação constante, privilegiando a visibilidade

e a validação imediata em detrimento do engajamento social real. Tal cenário evidencia a urgência de estratégias educativas voltadas ao letramento midiático crítico para reaproximar a juventude dos dilemas da realidade contemporânea.

Palavras-chave: juventude; pensamento crítico; cultura digital; equação civilizatória; sociedade contemporânea.

ABSTRACT

Introduction: In the contemporary world, the internet occupies a central place in social life, transforming languages, interactions, and ways of accessing and producing knowledge. This technological reconfiguration reshapes social and cultural practices. Among the groups most affected by these transformations are young people. **Objective:** to analyze how the culture of digital exposure contributes to young people's distancing from critical reflection on the contemporary variables of the so-called "Civilizational Equation". **Methodology:** The research adopted a qualitative methodology of a bibliographic and critical nature, using as its *corpus* the final considerations of doctoral theses published between 2021 and 2023 in the CAPES Catalog, which were examined through Content Analysis. **Results:** The results indicate that hyperconnectivity and algorithmic logic create "bubbles" that reinforce individual preferences and stimulate the uncritical consumption of superficial information, hindering the development of complex thinking. **Conclusion:** It is concluded that the internet keeps young people in a state of constant occupation that privileges visibility and immediate validation over real social engagement. Such a scenario highlights the urgency of educational strategies focused on critical media literacy to reconnect youth with the dilemmas of contemporary reality.

Keywords: youth; critical thinking; digital exposure; civilizing equation; contemporary society.

RESUMEN

Introducción: En el mundo contemporáneo, Internet ocupa un lugar central en la vida social, transformando los lenguajes, las interacciones y las formas de acceso y producción del conocimiento. Esta reconfiguración tecnológica modifica las prácticas sociales y culturales. Entre los grupos más afectados por estas transformaciones se encuentran los jóvenes. **Objetivo:** analizar cómo la cultura de la exposición digital contribuye al alejamiento de los jóvenes de la reflexión crítica sobre las variables contemporáneas de la llamada "Ecuación Civilizatoria". **Metodología:** La investigación adoptó una metodología cualitativa de carácter bibliográfico y crítico, utilizando como *corpus* las consideraciones finales de tesis de doctorado publicadas entre 2021 y 2023 en el Catálogo de la CAPES, las cuales fueron analizadas mediante la técnica de Análisis de Contenido. **Resultados:** Los resultados indican que la hiperconectividad y la lógica algorítmica crean "burbujas" que refuerzan las preferencias individuales y estimulan el consumo acrítico de información superficial, dificultando el desarrollo del pensamiento complejo. **Conclusión:** Se concluye que internet mantiene a los jóvenes en un estado de ocupación constante que privilegia la visibilidad y la validación inmediata en detrimento del compromiso social real. Tal escenario evidencia la urgencia de estrategias educativas orientadas a la alfabetización mediática crítica para reaproximar a la juventud a los dilemas de la realidad contemporánea.

Palabras clave: juventud; pensamiento crítico; cultura digital; ecuación civilizatoria; sociedad contemporánea.

1 ABRINDO AS DISCUSSÕES: JUVENTUDE CONECTADA X MENTE DESCONECTADA?

No mundo contemporâneo, a internet ocupa um lugar central e determinante na vida humana. Trata-se de uma tecnologia que, integrada de forma profunda ao cotidiano das sociedades modernas, se apresenta como indispensável e inevitável. O ambiente virtual promove transformações significativas em diversos setores sociais e culturais, introduzindo novas linguagens, ampliando as possibilidades de interação e alterando radicalmente os modos tradicionais de acesso, de produção e de construção do conhecimento.

Entre os grupos mais impactados por essa reconfiguração estão os jovens. A plasticidade que envolve a construção da identidade no ambiente virtual é amplamente explorada por essa geração no ciberespaço, onde experimenta múltiplos papéis e estabelece vínculos com comunidades virtuais diversas. A percepção da realidade, nesse contexto, sofre forte influência das tecnologias da imagem e das redes digitais, que ultrapassam o papel de simples ferramentas de comunicação e se tornam espaços privilegiados de expressão e afirmação subjetiva.

Dessa forma, o debate sobre os impactos da hiperexposição digital na subjetividade juvenil configura-se como um tema emergente e transversal, cuja relevância se estende a todas as áreas do saber, dada a onipresença tecnológica na vida contemporânea. Mas é no campo da Ciência da Informação que essa discussão encontra um terreno fértil e necessário, pois demanda uma análise profunda sobre os fluxos informacionais mediadores da realidade e o desenvolvimento de uma competência crítica em informação, que privilegie a ética e a autonomia intelectual frente ao determinismo algorítmico.

Mais do que o simples domínio técnico de ferramentas —comumente associado à literacia digital— a competência crítica pressupõe a capacidade do sujeito de compreender as estruturas de poder, os regimes de verdade e as intenções econômicas que sustentam os fluxos informacionais nas redes sociais; exigindo ações de desenvolvimento de competências voltadas à autonomia do sujeito frente aos algoritmos.

Diante deste cenário, propomos apresentar os resultados de uma investigação com o seguinte problema central: como a cultura da exposição digital contribui para o afastamento da juventude da reflexão crítica sobre as variáveis contemporâneas da chamada "Equação Civilizatória (EQ)"? Esta concepção teórica foi formulada por Bazzo e desenvolvida em publicação conjunta com Souza (Bazzo; Souza, 2022) como uma metáfora matemática, sem

qualquer rigorismo teórico da disciplina em si, mas que incita à reflexão e ao entendimento das problemáticas atuais, por meio da identificação e análise das variáveis contemporâneas.

No campo simbólico, de um lado da equação, estariam as variáveis contemporâneas e, do outro, a “necessária dignidade humana”¹. A EQ não é uma teoria, mas uma fórmula, uma ferramenta, uma estrutura ou um simples artifício criado para que dentro de um contexto e de uma temporalidade, seja mais simples entender quais são as variáveis que influenciam a possibilidade de termos a necessária dignidade humana, num processo civilizatório cruel, violento, desumano e, acima de tudo, desigual (Bazzo; Souza, 2022).

A utilização da EQ, de Bazzo e Souza (2022), como base principal da análise deve-se à sua eficácia em organizar e explicar o conflito entre o avanço tecnológico e a proteção da dignidade humana. Diferentemente das teorias sociológicas tradicionais, a EQ atua como uma ferramenta de fomento à reflexão sobre como fatores atuais —como o consumismo exagerado, as *fakes news* e o abismo digital— desestabilizam o equilíbrio da sociedade moderna.

De forma prática, podemos imaginar uma balança em que, de um lado, temos o desenvolvimento científico e tecnológico e, do outro, os valores éticos e sociais. Bazzo (1998) argumenta que o lado tecnológico está “pesado” demais, visto que o avanço é veloz e desenfreado. Por outro lado, como a ética, a reflexão e a educação não estão acompanhando essa velocidade, a “equação não fecha”, gerando o que ele denomina de “barbárie tecnocientífica” (Bazzo, 1998).

Segundo o autor, “o desenvolvimento tecnológico isolado dos valores humanos torna-se um fim em si mesmo, alienando os indivíduos e distanciando-os dos dilemas reais da sociedade” (Bazzo, 1998, p. 32). Enquanto muitas teorias sociológicas clássicas olham apenas para a estrutura de classes ou o funcionamento das instituições, a EQ de Bazzo foca na

¹ Ao iniciar suas reflexões e formulações sobre a Equação Civilizatória, Walter Antonio Bazzo recorria ao termo “mínima dignidade humana” para expressar o patamar básico de condições que deveriam ser garantidas aos indivíduos diante da análise crítica das variáveis contemporâneas. Essa expressão representava, naquele momento, uma referência aos limites mínimos aceitáveis para a existência humana em contextos marcados por desigualdades, exclusões e impactos tecnológicos. Era, portanto, um ponto de partida ético para pensar a relação entre ciência, tecnologia e sociedade, orientando a busca por soluções que respeitassem, ao menos, os fundamentos essenciais da dignidade. Contudo, no decorrer de sua trajetória e produções, o autor revela um amadurecimento de sua reflexão e passa a adotar o termo “necessária dignidade humana”, ampliando o horizonte ético da equação: já que não se trata apenas de assegurar o mínimo para a sobrevivência, mas de promover condições que permitam o florescimento humano em sua plenitude, incluindo liberdade, participação política, justiça social e reconhecimento cultural. Essa mudança de terminologia indica uma transição de uma perspectiva simplificada para uma visão emancipatória, em que a dignidade deixa de ser um limite inferior e passa a ser um imperativo civilizatório.

responsabilidade técnica, questionando: "Para que serve este avanço?" e "Quem ele deixa para trás?" Para Bazzo (1998), a barbárie não é a ausência de tecnologia, mas justamente o seu excesso desprovido de finalidade humana.

A relevância desse modelo para esta pesquisa está na compreensão de que a falta de reflexão crítica entre os jovens não ocorre por acaso. Na verdade, é um reflexo direto do descompasso entre o rápido avanço das redes sociais e a falta de um debate ético sobre como essas tecnologias afetam o bem-estar coletivo. Para Bazzo e Souza (2022), o progresso só faz sentido se estiver a serviço do que ele chama de "necessária dignidade humana".

Embora a questão a ser investigada seja complexa, partimos da hipótese de que a internet mantém os jovens em estado de ocupação constante por meio de conteúdos leves, superficiais e de rápida assimilação, cuidadosamente selecionados por algoritmos que reforçam preferências individuais e estimulam o consumo contínuo e acrítico da informação. Tal dinâmica tende a dificultar o desenvolvimento da consciência reflexiva e do pensamento complexo, essenciais para a leitura aprofundada da realidade.

A justificativa para esta reflexão reside na urgência de se compreender o impacto das mídias digitais sobre o imaginário juvenil e seu engajamento com os grandes dilemas contemporâneos. Embora haja jovens engajados e atentos às questões sociais, o cenário ainda revela uma predominância da distração e da alienação digital, o que exige análise crítica e propostas de enfrentamento.

O objetivo central deste estudo é, portanto, analisar como a cultura da exposição digital contribui para o afastamento da juventude da reflexão crítica sobre as variáveis contemporâneas da chamada "Equação Civilizatória". Ou seja, compreender os efeitos da cultura digital sobre o comportamento da juventude, sem demonizar as ferramentas tecnológicas, mas destacando suas implicações no campo educacional, social e cognitivo.

A metodologia adotada teve um caráter qualitativo, com base em revisão bibliográfica e teve como *corpus* principal o capítulo correspondente às Considerações Finais/Conclusões das Teses de Doutorado publicadas nos anos de 2021, 2022 e 2023, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Esperamos, com essa reflexão, oferecer subsídios para a formulação de estratégias educacionais mais eficazes, capazes de fomentar a educação tecnológica crítica e estimular políticas públicas que favoreçam o uso saudável das tecnologias, contribuindo para a

formação de jovens mais conscientes, reflexivos e preparados para lidar com as complexidades da realidade.

2 A EQUAÇÃO CIVILIZATÓRIA, A REFLEXÃO SILENCIADA E OS DILEMAS DO ENGAJAMENTO SOCIAL

A metáfora da EQ, formulada por Bazzo (2016), propõe uma leitura crítica da sociedade contemporânea a partir da articulação entre ciência, tecnologia e os dilemas humanos. É uma proposta teórica que busca compreender os rumos da sociedade e, para isso, se estrutura como uma ferramenta analítica para refletir sobre os dilemas hodiernos, ou seja, as variáveis contemporâneas, como a crise ambiental, a desigualdade social, o avanço da inteligência artificial, a corrupção, o negacionismo científico, a exclusão digital, o excesso de consumo, a finitude da água potável, entre tantas outras.

Para facilitar a compreensão, Bazzo e Souza (2022) explicam que, de um lado da equação, estão as variáveis contemporâneas e, do outro, o resultado desejado: a necessária dignidade humana. A presente equação não se configura, portanto, como uma ferramenta de resolução dos desafios sociais, nem tampouco pretende oferecer respostas conclusivas. Trata-se, antes, de um instrumento heurístico — um termômetro conceitual — cuja função é indicar variáveis críticas e suscitar reflexões sobre os elementos que demandam atenção na construção de uma sociedade mais justa, ética e sustentável.

Embora o termo proposto por Bazzo seja emergente, a EQ encontra sustentação teórica em discussões consolidadas sobre a alienação e a técnica. A estrutura da EQ dialoga com a "Modernidade líquida" de Zygmunt Bauman (2001), onde a efemeridade das interações digitais fragmenta a formação de uma consciência coletiva sólida. Essa perspectiva é aprofundada pela crítica de Byung-Chul Han (2015) em "Sociedade do cansaço" e em "Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder" (Han, 2018), que interpreta a exposição constante não como liberdade, mas como uma forma de autoexploração e silenciamento do pensamento profundo em favor da aceleração e do consumo de dados.

A resistência a esse modelo de alienação digital proposta pela EQ também se ancora na Teoria Crítica de Adorno (1995), especificamente no conceito de semiformação, que descreve o conhecimento superficial e instrumentalizado que substitui a autonomia intelectual. Da mesma forma, a necessidade de equilíbrio na EQ ressoa com a "ecologia de

saberes" de Santos (2007), que defende o reconhecimento de múltiplas formas de conhecimento para enfrentar o pensamento abissal que exclui variáveis sociais e humanas do progresso técnico.

Outrossim, estudos anteriores, como os de Civiero (2021) e Lussani (2022), demonstram a eficácia desse referencial ao utilizá-lo para analisar a educação insubordinada frente aos desafios éticos contemporâneos. Sob essa ótica, a cultura da exposição digital deixa de ser apenas um fenômeno comportamental para ser compreendida, à luz de Foucault (1987), como um novo dispositivo de vigilância e normalização, onde o *like* atua como uma ferramenta de governamentalidade que molda o imaginário juvenil e o afasta da necessária dignidade humana.

Ao integrar essas dimensões, a EQ propõe uma abordagem transdisciplinar que ultrapassa os limites da disciplinaridade tradicional, promovendo uma educação crítica e reflexiva voltada para a formação de sujeitos capazes de intervir eticamente na sociedade. Nesse sentido, a escola torna-se um espaço estratégico para a construção de uma cidadania ativa, inclusiva e comprometida com a sustentabilidade e a justiça social. Conforme defende Bazzo (2016), a escola deve formar estudantes com visão crítica e humanista, capazes de pensar não apenas no "como fazer", mas no "por que" e "para quem" fazer.

Nesta perspectiva, a contribuição específica da EQ para esta análise é a sua natureza provocativa, pois ela não refuta o uso das tecnologias, mas questiona o "porquê" e o "para quem" de sua existência (Bazzo, 1998).

Ao articular a EQ com a pedagogia da autonomia de Paulo Freire e o pensamento complexo de Edgar Morin, ela ainda propõe que a superação da alienação digital não se dará apenas pelo domínio técnico das redes, mas pela capacidade de reinserir o sujeito na equação, devolvendo-lhe o protagonismo ético frente às variáveis de um mundo cada vez mais filtrado por algoritmos (Freire, 1996; Morin, 2000).

Como evidenciam as teses de Bernardi (2021) e Amorim (2022), o engajamento juvenil com essas variáveis vem sendo prejudicado pela lógica da hiperconectividade e da cultura da exposição digital. A ausência de práticas educativas voltadas ao letramento midiático crítico contribui para a vulnerabilidade dos jovens frente à desinformação, à polarização ideológica e à superficialidade das interações *online*. A juventude, embora conectada, encontra-se muitas vezes alheia à realidade social, imersa em bolhas algorítmicas que reforçam gostos e crenças, mas não estimulam o pensamento crítico.

Segundo o estudo “Jovens em movimento” (Sposito, Almeida, Corrochano, 2020), houve uma redução significativa na participação juvenil em movimentos estudantis e ações coletivas após 2012, especialmente em contextos de crise econômica e política. A pesquisa aponta que, embora existam novas formas de ativismo digital, elas não substituem o envolvimento presencial e deliberativo em espaços como grêmios estudantis, rodas de conversa e assembleias escolares. A fragmentação das práticas juvenis e o esvaziamento dos espaços de escuta coletiva têm contribuído para o enfraquecimento da ação política juvenil.

Além disso, estudos como o de Alves e González-Monteagudo (2019) mostram que, mesmo em projetos que utilizam rodas de conversa como metodologia participativa, há limites na adesão dos jovens, especialmente quando a mediação não é considerada qualificada ou quando os espaços não são percebidos como legítimos para a expressão de suas vozes.

Nas escolas, a situação não é diferente. Na era da hipere Exposição digital e da cultura da imagem, muitos jovens passaram a exigir dos professores uma performance quase teatral em sala de aula — as chamadas “aulas show”. Essa expectativa não se limita ao domínio do conteúdo, mas envolve dinamismo, domínio tecnológico e até habilidades de entretenimento. O professor é frequentemente comparado a influenciadores digitais, sendo cobrado por uma presença cativante, recursos audiovisuais envolventes e uma narrativa que prenda a atenção, como um vídeo viral. Essa demanda, embora compreensível diante da lógica da atenção fragmentada, pode gerar tensões pedagógicas: o risco de transformar o ensino em espetáculo esvazia a profundidade reflexiva e retira, de certa forma, do estudante a responsabilidade pela cocriação do conhecimento. Portanto, a relação entre professor e aluno precisa ser repensada para que não se torne apenas uma simulação de engajamento, mas sim uma experiência significativa de aprendizagem.

Nesse contexto, as reflexões e ações relacionadas à EQ proposta por Bazzo (2016) se veem deixadas de lado pela ausência de engajamento real. A juventude, que deveria ser a principal interessada na compreensão e discussão das variáveis contemporâneas, encontra-se silenciada por uma cultura digital que privilegia o consumo, a velocidade, a solidão e a aparência. Como alerta Santos (2007), vivemos uma era em que os saberes sintéticos — voltados para o “ter” — se sobrepõem aos saberes orgânicos — voltados para o “ser”, comprometendo a capacidade de reflexão e de ação transformadora.

Outro fato preocupante é que muitos jovens associam o ato de postar nas redes sociais de forma isolada à mobilização social, acreditando que compartilhar conteúdos, opiniões ou *hashtags*, representa uma forma legítima de engajamento político ou ativismo. Essa percepção está profundamente ligada à lógica das plataformas digitais, onde a visibilidade e o engajamento são vistos como formas de influência. Ao publicar uma imagem, um texto ou um vídeo com posicionamento crítico, o jovem sente que está contribuindo para uma causa, mesmo que não haja uma ação concreta fora do ambiente virtual. Essa dinâmica, por vezes chamada de “ativismo de sofá” (Melz *et al.*, 2023), revela uma nova forma de participação, marcada pela estética, pela curadoria da própria imagem e pela busca de pertencimento a comunidades digitais. Embora essa mobilização digital possa gerar conscientização e ampliar o alcance de pautas sociais, ela também levanta questionamentos sobre a profundidade do engajamento e a efetividade das ações que se limitam ao universo *online* (Redes [...], 2024; UNICEF, 2021).

Portanto, é urgente pensar em estratégias educativas que reaproximem os jovens da realidade, que valorizem a escuta, o diálogo e a construção coletiva. A escola, os projetos sociais e as políticas públicas devem assumir o papel de mediadores da equação, promovendo espaços de formação crítica, participação cidadã e protagonismo juvenil. Sem isso, a EQ permanecerá desequilibrada — e a dignidade humana, cada vez mais distante.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS PARA COMPREENDER O PARADOXO

Para abordar essa complexa questão e suas nuances subjetivas, adotamos uma metodologia qualitativa, ancorada em uma revisão e análise da literatura acadêmica. O foco concentrou-se em identificar padrões, compreender percepções e significados retratados nas Considerações Finais/Conclusões das Teses de Doutorado que constam no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, buscando uma síntese que vá além da descrição superficial e capture a profundidade do fenômeno.

A opção exclusiva por teses de doutorado como fonte documental justifica-se pelo rigor acadêmico e pelo fôlego analítico que este tipo de trabalho exige. Diferente de um artigo de periódico, que precisa ser conciso, ou de uma dissertação de mestrado, que foca no domínio de uma metodologia, a tese de doutorado exige uma contribuição original e um

mergulho exaustivo nos dados e na teoria, proporcionando uma compreensão mais verticalizada e original dos fenômenos sociais.

Já o recorte temporal compreendido entre 2021 e 2023 foi estabelecido para capturar a produção intelectual mais recente, desenvolvida sob os impactos imediatos da pandemia de COVID-19, período que acelerou drasticamente os processos de digitalização e a cultura da exposição entre jovens.

O processo de seleção do *corpus* foi orientado pela associação das expressões-chave “jovens”, “redes sociais” e “educação crítica” e pela aplicação dos seguintes filtros: nível de doutorado; anos de publicação: 2021, 2022 e 2023. Como resultado, o sistema apresentou um universo de 14 (catorze) teses.

Após um refinamento, identificamos que 6 (seis) trabalhos não estabeleciam relação direta com a cultura da exposição digital, embora ratificassem a importância da consciência crítica como elemento fundamental para enfrentar os desafios éticos, sociais e ambientais contemporâneos. Também foram evidenciados outros 4 (quatro) trabalhos com suposto alinhamento, mas que, por não possuírem a divulgação autorizada, não puderam ser acessados.

Dessa forma, embora o universo inicial fosse de 14 (catorze) teses, a análise preliminar e a aplicação dos critérios de exclusão - a) falta de relação direta com a cultura da exposição digital (seis trabalhos); e b) indisponibilidade de acesso por ausência de autorização para divulgação digital (quatro trabalhos) - restringiram a amostra a 4 (quatro) teses. Embora reduzida em número, a amostra constitui-se das obras que tratam diretamente do fenômeno investigado, sendo elas as teses de Amorim (2022), Bernardi (2021), Ferreto (2022) e Gabardo (2023). Esses trabalhos apresentam menção direta aos impactos da cultura digital sobre o engajamento juvenil, no item “Considerações finais/Conclusões” ou correspondente.

A análise concentrou-se nas Considerações Finais/Conclusões por constituírem o “lugar de síntese” do doutoramento, onde ocorre a articulação definitiva entre evidências empíricas, referencial teórico e objetivos. Ao focar nos resultados validados de cada investigação, buscou-se uma integração orgânica dos dados às variáveis da EQ, procedimento este operacionalizado por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016). Tal técnica foi fundamental para identificar e interpretar as categorias emergentes que conectam a cultura digital ao silenciamento da reflexão crítica.

A operacionalização da Análise de Conteúdo seguiu rigorosamente as três etapas cronológicas estabelecidas pela autora. Na fase de pré-análise, realizou-se a “leitura

flutuante" das Considerações Finais das teses selecionadas, permitindo o contato direto com as mensagens e a constituição do *corpus* final de análise. Nesta etapa, as hipóteses iniciais — de que a internet mantém os jovens em um estado de ocupação acrítica — serviram como guia para a preparação formal do material.

A etapa de exploração do material consistiu em operações de codificação, em que as unidades de registro (frases e parágrafos significativos) foram isoladas. O critério de codificação foi semântico, buscando identificar temas recorrentes que evidenciassem a tensão entre a cultura da exposição e o desenvolvimento do pensamento complexo. A partir desta decomposição, as informações foram condensadas para dar origem às categorias analíticas, construídas de forma mista: por um lado, dedutivamente, baseadas nas variáveis da EQ de Bazzo (ética, social e cognitiva) e, por outro, indutivamente, a partir dos achados emergentes nas teses de Amorim (2022), Bernardi (2021), Ferreto (2022) e Gabardo (2023).

Por fim, no tratamento dos resultados e interpretação, os dados foram submetidos a inferências fundamentadas no referencial teórico deste estudo. As categorias foram estruturadas em três eixos principais: i) A lógica algorítmica e a formação de bolhas; ii) A ansiedade de performance e a validação digital; e iii) O letramento midiático como via de superação da alienação. Essa estruturação permitiu identificar como a cultura da exposição atua como um dispositivo de normalização que afasta a juventude da necessária dignidade humana.

Vale salientar que as análises das teses selecionadas para compor a amostra estão distribuídas de forma orgânica entre os diferentes itens temáticos que estruturam o texto. Cada seção aborda aspectos específicos relacionados à cultura da exposição digital e seus impactos na formação crítica da juventude, dialogando diretamente com os achados das pesquisas examinadas. Essa organização busca evidenciar como os conteúdos empíricos e teóricos das Teses se articulam com os argumentos centrais do artigo, permitindo ao leitor acompanhar, de forma fluida e argumentativa, o percurso reflexivo construído a partir dos dados.

Assim, em vez de concentrar a análise em um bloco isolado, optamos por incorporá-la estrategicamente nas seções. Essa abordagem valoriza as contribuições dos autores da amostra, amplia o diálogo entre teoria e prática, e assegura maior densidade analítica à discussão proposta.

A seguir, procedemos à apresentação e discussão dos resultados, iniciando pelo mapeamento do *corpus* analítico.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: MAPEAMENTO DO CORPUS ANALÍTICO

Nesta seção, sistematizamos os dados extraídos das “Considerações Finais” das teses de Amorim (2022), Bernardi (2021), Ferreto (2022) e Gabardo (2023), bem como o referencial teórico mobilizado para a análise e interpretação, buscando distinguir claramente as evidências do *corpus* analítico das contribuições da literatura, organizando-as nos eixos temáticos que compõem as discussões subsequentes (Quadro 1).

Quadro 1 – Matriz de articulação: categorias, evidências do *corpus* e teoria

Categoria Analítica	Achados Empíricos nas Teses	Referencial Teórico Mobilizado
Cultura da Exposição e Validação	Redes sociais como "escolas paralelas"; performance de afetos para visibilidade (Amorim, 2022); ansiedade de performance (Gabardo, 2023).	Narcisismo digital (Lipovetsky, 1983); Pedagogia performativa (Icle, 2010; Bonatto, 2017); Equação Civilizatória (Bazzo, 2016)
Filtros e Mediação Algorítmica	Formação de bolhas informacionais; reforço de preferências e consumo acrítico (Bernardi, 2021); uso de mídias no ensino técnico (Gabardo, 2023).	Modernidade líquida (Bauman, 2001); Psicopolítica digital (Han, 2015); Ecologia da informação (Davenport, 1998); Equação Civilizatória (Bazzo, 2016)
Educação e Competência Crítica	Escrita em ambientes digitais (Ferreto, 2022); necessidade de letramento midiático para cidadania (Bernardi, 2021).	Competência em Informação - ColInfo (Vitorino; Piantola, 2011); Pedagogia da autonomia (Freire, 1996); Equação Civilizatória (Bazzo, 2016)

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

[Descrição do quadro] quadro composto por três colunas: **Categoria Analítica**, **Achados Empíricos nas Teses** e **Referencial Teórico Mobilizado**. Apresenta três categorias analíticas: **Cultura da Exposição e Validação**, relacionada à exposição e à performance nas redes sociais; **Filtros e Mediação Algorítmica**, associada às bolhas informacionais, ao reforço de preferências e ao consumo acrítico; e **Educação e Competência Crítica**, relacionada à escrita em ambientes digitais e à necessidade de letramento midiático. Para cada categoria, são apresentados os principais achados das teses e os autores e conceitos teóricos utilizados para sua interpretação. [Fim da descrição]

Com base no mapeamento apresentado, as discussões a seguir aprofundam a análise dos dados respaldadas na ótica da EQ proposta por Bazzo (2016).

5 CULTURA DA EXPOSIÇÃO: VISIBILIDADE, AFETO E VALIDAÇÃO NA ERA DIGITAL

A cultura da exposição digital tem se consolidado como um dos fenômenos mais marcantes da juventude contemporânea, redefinindo os modos de interação, pertencimento e construção identitária. Conforme evidenciado na tese de Amorim (2022), as redes sociais

funcionam como “escolas paralelas”, onde os jovens aprendem a performar afetos, opiniões e posicionamentos em busca de visibilidade e validação. Essa lógica performática, centrada na estética da presença e na curadoria da própria imagem, compromete a criticidade ao favorecer discursos rápidos, polarizados e emocionalmente apelativos, em detrimento da reflexão profunda sobre os dilemas éticos, sociais, ambientais e políticos que atravessam nossa era.

Essa performance identitária ganha contornos específicos nas interfaces das plataformas. Enquanto o *feed* atua como uma vitrine de curadoria existencial, onde os jovens depositam versões idealizadas de si, os *stories* estabelecem a ditadura do imediato e do efêmero. Dialogando criticamente com Bauman (2001), na modernidade líquida, a identidade torna-se um bem de consumo descartável que exige atualização constante. A visibilidade digital não é apenas um desejo, mas uma condição de existência; para o jovem, o que não é registrado em vídeo ou foto nos *stories* tende a ser percebido como inexistente. Esse mecanismo agudiza a “ansiedade de performance” e transforma o afeto em uma mercadoria mensurável por “métricas de engajamento”.

Dados do relatório “*Digital 2024: global overview report*” reforçam a centralidade das redes sociais na vida dos jovens quando mostram que o usuário médio de internet no Brasil passa 3 horas e 37 minutos por dia nas redes sociais (Kemp, 2024). Já uma pesquisa conduzida pelo Centro Universitário Faesa em dezembro de 2024 revelou que 13% dos jovens entre 16 e 29 anos passam até 8 horas diárias exclusivamente nas redes sociais, enquanto 72% utilizam a internet por mais de 4 horas por dia (Buzzette, 2024). Esses números evidenciam uma hiperconexão que, embora potencialize o acesso à informação, também intensifica a superficialidade das interações e a dependência de estímulos constantes. E essa imersão digital tem impacto direto na redução do envolvimento dos jovens em espaços de participação coletiva e reflexão crítica.

A busca por visibilidade nas redes também está associada à “ansiedade de performance” e à “conformidade comportamental”. A ansiedade de performance é o medo intenso de não corresponder às expectativas em situações de exposição ou avaliação, como uma apresentação, uma postagem nas redes sociais ou até uma conversa pública. Já a conformidade comportamental é a tendência de ajustar o próprio comportamento, opiniões ou atitudes para se alinhar às normas sociais ou às expectativas do grupo. Ela está ligada à ideia de que é preciso “entregar” algo perfeito, ser admirado ou validado pelos outros. Essa

conformidade pode parecer inofensiva, mas quando combinada com a ansiedade de performance, cria um ambiente onde os jovens se sentem obrigados a serem vistos e aprovados, mesmo que isso signifique renunciar à dúvida, à crítica e à autenticidade (ICLE; Bonatto, 2017).

Como destaca Dias (2014), os espaços onde os jovens interagem — especialmente redes sociais como Instagram, TikTok e Twitter — são altamente públicos, no sentido de que suas publicações podem ser vistas, comentadas e julgadas por um número ilimitado de pessoas: colegas, familiares, desconhecidos, e até instituições. Ao contrário das interações presenciais, onde há algum controle sobre quem ouve ou vê, no ambiente digital tudo está sujeito ao escrutínio público. Isso cria uma sensação constante de vigilância social, onde qualquer opinião, imagem ou gesto pode ser interpretado, mal-entendido ou criticado.

A exposição constante, longe de promover autonomia, pode reforçar padrões normativos e limitar a expressão autêntica. Buckingham (2010) complementa essa análise ao afirmar que, sem educação midiática crítica, os jovens tornam-se consumidores passivos de narrativas digitais, vulneráveis à manipulação e à desinformação. Segundo Lipovetsky (1983), a cultura da exposição estimula um narcisismo digital, em que cada postagem se torna um espelho em busca de validação. Embora à época o autor não tenha usado literalmente o termo “narcisismo digital” em sua obra —pois as redes sociais como conhecemos hoje ainda não existiam— já antecipava a ascensão de uma sociedade marcada pelo individualismo exacerbado, pela sedução da imagem e pela busca constante de reconhecimento, elementos que hoje se manifestam intensamente no ambiente digital. Ou seja, ele já descrevia uma cultura centrada no “eu”, onde o sujeito se torna o centro das atenções, guiado por desejos de realização pessoal, visibilidade e consumo simbólico. A comunicação passa a ser feita “por comunicar”, sem profundidade, e o narcisismo se torna uma característica dominante da pós-modernidade. Essa lógica se conecta diretamente ao que vivemos hoje: o uso das redes como espelhos de validação, onde cada postagem é uma tentativa de afirmação identitária e social.

Nesse contexto, é urgente repensar o papel da escola e das políticas públicas na formação de uma juventude (in)capaz de navegar criticamente pelo universo digital. A cultura da exposição, quando não mediada por práticas educativas reflexivas, tende a silenciar o engajamento real e a obscurecer as variáveis da EQ proposta por Bazzo (2016), como a justiça social, a sustentabilidade e a dignidade humana. Reaproximar os jovens dessas questões

exige, mais do que limitar o tempo de tela, ampliar os espaços de escuta, de diálogo e de construção coletiva.

6 O FILTRO INVISÍVEL DA INTERNET: COMO A REDE MODELA O IMAGINÁRIO JUVENIL

O espaço digital tem se consolidado como um filtro invisível² que molda os desejos e percepções juvenis. Ao personalizar a experiência *online* com base em padrões de consumo e navegação, os algoritmos não promovem uma análise crítica — ao contrário, reforçam gostos prévios e constroem bolhas informacionais que restringem o contato com pontos de vista divergentes, dificultando a compreensão da complexidade social. Como destaca Bernardi (2021) em sua tese, os jovens interagem com uma realidade mediada por esses filtros algorítmicos que privilegiam o entretenimento imediato, o apelo estético e a validação rápida, em detrimento de conteúdos formativos e reflexivos. Essa lógica transforma a percepção da realidade em uma representação filtrada do que é desejado, não necessariamente do que é necessário compreender. Ou seja, o filtro algorítmico invisível revela uma dinâmica complexa e silenciosa: os jovens não apenas consomem conteúdos digitais, mas são moldados por eles. Os algoritmos, ao personalizarem a experiência on-line com base em interações anteriores, criam um ambiente de reforço contínuo — uma espécie de “câmara de eco” que limita o contato com visões divergentes e aprofunda a polarização. A partir de seus achados, Bernardi (2021) alerta para esse fenômeno em sua tese, destacando que os jovens são expostos a uma realidade filtrada, onde o que aparece não é o que precisa ser compreendido, mas o que é desejado, validado e compartilhável.

A lógica algorítmica, por sua vez, opera o que Han (2018) define como “psicopolítica digital”, mapeando comportamentos para antecipar desejos e manter o usuário em ambientes de autoconfirmação. No contexto dos jogos digitais, essa lógica se manifesta na gamificação da atenção, utilizando sistemas de recompensa que estimulam a permanência e a competição por status. O algoritmo não é uma ferramenta neutra; ele seleciona o que deve ser visto com base no lucro das plataformas, silenciando o contraditório. Ao confrontarmos isso com a EQ,

² O termo "Filtro Invisível" foi popularizado por Eli Pariser, autor americano que o usou no título do seu livro de 2011, *The Filter Bubble*, traduzido para o português como “O Filtro Invisível”. O livro aborda como os algoritmos personalizam o conteúdo *online*, criando uma "bolha de informação" que pode nos isolar de outras ideias e pontos de vista.

percebemos que o componente técnico tem ditado o social, subtraindo do jovem a capacidade de dúvida crítica e autonomia informacional.

Essa lógica é intensificada pela cultura do like, que atua como um sistema de recompensa emocional e social. Estudos de Pinho *et al.* (2024) demonstram que adolescentes entre 13 e 24 anos são significativamente mais sensíveis ao *feedback* social on-line do que adultos e que a ausência de curtidas pode gerar sentimentos de rejeição, baixa autoestima e desengajamento.

A busca por validação nas redes sociais tem provocado transformações profundas na construção da identidade juvenil. Lowen (1983) já alertava para o papel da cultura contemporânea na constituição de sujeitos narcisistas, fascinados por imagens e desconectados de seu verdadeiro *self*. Na era das redes, esse narcisismo se torna algorítmico: cada postagem é cuidadosamente moldada para projetar uma versão idealizada do “eu”, e cada curtida funciona como um termômetro de valor pessoal.

Hornstein (2009) aprofunda essa discussão ao mostrar que o narcisismo patológico se manifesta como uma defesa rígida contra a falta de amor-próprio, levando o sujeito a investir excessivamente na imagem em detrimento da autenticidade emocional.

Portanto, a internet e as redes sociais representam para os jovens, ao mesmo tempo, fator de inclusão social, de conhecimento, de liberdade de expressão, de prazer e, de outro lado, de riscos iguais ou maiores aos de um mundo “off-line”.

Nesse cenário, Silva e Gondim (2022) destacam que os adolescentes adotam estratégias de filtragem e autoproteção para se manterem aceitos em suas comunidades virtuais, o que pode comprometer a espontaneidade e silenciar posicionamentos mais complexos. Varsori e Pereira (2020) apontam que o uso prolixo das tecnologias influencia diretamente o desenvolvimento saudável, afetando a autoestima, a saúde mental e a construção da identidade.

Dados do Relatório “Panorama da saúde mental 2024” revelam que jovens que passam mais de três horas por dia nas redes sociais apresentam maior incidência de ansiedade e desinteresse por atividades off-line (Instituto Cactus; AtlasIntel, 2024).

Além disso, o engajamento digital está cada vez mais condicionado à recompensa imediata, e não à relevância social ou à profundidade do conteúdo; o que também influencia o formato das postagens. Os jovens da Geração Z têm preferido os *stories* em vez do *feed* tradicional. Isto porque os *stories* são vistos como mais seguros por serem temporários e

menos expostos ao julgamento público. Já o *feed*, por exigir fotos mais elaboradas e permanecer visível por tempo indeterminado, gera maior ansiedade e é frequentemente evitado. Essa preferência revela uma tentativa de controle da própria imagem e de redução da exposição permanente, reforçando o uso das redes como espaços de validação rápida e seletiva, em detrimento da espontaneidade e da autenticidade.

Outro fator que contribui para o distanciamento dos jovens em relação às variáveis contemporâneas propostas por Bazzo (2016) é o universo dos jogos eletrônicos. Embora esses ambientes digitais ofereçam experiências imersivas e estimulem habilidades cognitivas e estratégicas, eles também reproduzem cenários marcados por violência, degradação, riscos constantes e dinâmicas de sobrevivência. Nesses mundos virtuais, o enfrentamento de perigos é parte do jogo, porém, sempre existe a possibilidade de recomeçar, reiniciar, retornar a um ponto seguro ou deletar, abandonar. Essa lógica de “reset” pode gerar uma percepção distorcida da realidade, onde os conflitos e as consequências não são definitivos e onde a responsabilidade ética pelas ações é diluída pela mecânica do jogo. Ao habituarem-se a esse tipo de narrativa, muitos jovens acabam se afastando das reflexões críticas sobre o mundo real, que exige enfrentamento, posicionamento e transformação sem garantias de retorno ou reparação imediata.

O resultado é uma juventude hiperconectada, mas cada vez menos envolvida com as questões sociais. Segundo autores como Bauman (2001) e Han (2018), esse modelo de interação favorece uma juventude solitária e fragilizada em sua capacidade crítica. Isto porque a lógica algorítmica e a cultura da validação silenciam a dúvida criativa, a escuta ativa e o pensamento crítico — pilares da EQ proposta por Bazzo (2016), que incita o enfrentamento ético, político e ambiental dos dilemas contemporâneos. Quando os jovens são treinados a buscar aprovação em vez de compreensão, o espaço para o engajamento real se estreita. As redes sociais, em vez de promoverem cidadania digital, têm contribuído para a superficialização das relações e para o afastamento da juventude das causas coletivas.

7 DO CLIQUE À REFLEXÃO: JUVENTUDE E EDUCAÇÃO CRÍTICA

A cultura digital, quando mediada por práticas pedagógicas engajadas, pode se tornar uma poderosa ferramenta de aproximação entre os jovens e os debates ético-sociais. A análise das teses de Ferreto (2022) e Gabardo (2023) aponta que o ambiente virtual, longe de ser

apenas espaço de dispersão, pode ser ressignificado como território de construção de conhecimento e cidadania. O letramento midiático crítico — inspirado em Freire (1996) e desenvolvido a partir das práticas reais dos estudantes — revela que é possível transformar as mídias em instrumentos pedagógicos, desde que haja intencionalidade educativa e compromisso com a formação integral.

Nesse contexto, o letramento midiático surge como estratégia essencial para combater a desinformação e fomentar o diálogo democrático, especialmente entre jovens imersos em ambientes digitais (Nagumo; Teles; Silva, 2022). A escola, portanto, deve assumir seu papel como espaço curatorial, capaz de ensinar a escutar, problematizar e produzir sentidos no mundo digital. Essa perspectiva dialoga com a proposta de Moran (2018), que defende uma educação transformadora, pautada em metodologias ativas, protagonismo juvenil e aprendizagem significativa. Para ele, é preciso romper com modelos tradicionais e promover práticas que conectem os estudantes à realidade de forma crítica e participativa.

Essa visão também encontra ressonância no pensamento de Edgar Morin. Na obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, Morin (2000), afirma que a escola deve formar “cabeças bem-feitas”, capazes de contextualizar, conectar saberes e enfrentar as incertezas da existência. Para o autor, educar é ensinar a viver — e isso exige que o conhecimento seja situado, ético e sensível às múltiplas dimensões humanas.

A superação da alienação digital demanda, portanto, o fortalecimento da literacia midiática e informacional como uma ferramenta de intervenção ética no processo civilizatório. Ao analisar os achados nas teses, sobretudo, nas de Bernardi (2021) e Gabardo (2023), percebe-se que as ações de desenvolvimento de competências não devem se restringir ao ambiente escolar tradicional, mas ocupar os próprios espaços de sociabilidade digital dos jovens. Essa perspectiva converge para a necessidade de uma “ecologia da informação” (Davenport; Prusak, 1998) que, em diálogo com a pedagogia da autonomia de Freire (1996), capacite a juventude a transitar do consumo passivo à curadoria crítica, reinserindo o protagonismo humano em uma equação atualmente desequilibrada pela lógica da visibilidade constante.

Ao considerar o mundo digital como parte integrante da experiência juvenil, é fundamental que a escola promova práticas que articulem o saber técnico com o saber existencial.

A pedagogia freiriana, retomada por Nardi (2024), reforça que o letramento crítico permite aos estudantes compreenderem os discursos midiáticos como construções

ideológicas, desenvolvendo consciência sobre seu papel como sujeitos históricos. Essa abordagem transforma o ato de ler e escrever em prática de cidadania, alinhando-se à visão de Galeano (2011), que denuncia a escola do mundo ao avesso — aquela que adestra em vez de libertar, que silencia em vez de provocar. Para esse autor, é urgente construir “contraescolas” que resistam à lógica da resignação e da impotência, e que devolvam aos jovens a capacidade de imaginar e transformar.

A fluidez das relações na sociedade contemporânea, como aponta Bauman (2001), também impacta a educação. Em tempos líquidos, marcados pela fragmentação e pela efemeridade, a escola precisa oferecer espaços de estabilidade simbólica, onde os jovens possam construir vínculos, refletir criticamente e desenvolver autonomia. Cavalcanti (2023) destaca que o protagonismo juvenil é fundamento da formação crítica e que a escuta ativa e o engajamento são essenciais para romper com modelos autoritários e instrumentalizados.

O diálogo com Bauman (2005) evidencia ainda que a educação não pode ser apenas funcional. É imperativo que o letramento midiático incorpore as dimensões da competência em informação — técnica, estética, ética e política. Não basta ensinar o manuseio das mídias; é necessário fomentar uma pedagogia que questione a liquidez das relações digitais e recupere o protagonismo ético frente aos regimes de visibilidade impostos pelas grandes corporações tecnológicas.

Diante das transformações aceleradas do século XXI, Harari (2018) alerta ainda para a necessidade de preparar os jovens para um futuro incerto, em que habilidades como adaptabilidade, pensamento crítico e resiliência emocional serão mais importantes do que a simples memorização. A educação, nesse cenário, deve ser contínua, interdisciplinar e voltada para o desenvolvimento de competências que permitam aos estudantes navegarem com consciência e ética pelas complexidades do mundo (real e digital).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECENDO ESTRATÉGIAS PARA REAPROXIMAR OS JOVENS DA REALIDADE

Com base na análise desenvolvida no presente artigo, podemos afirmar que a cultura da exposição digital contribui para o afastamento da juventude da reflexão crítica sobre as variáveis contemporâneas da chamada “Equação Civilizatória”, de muitas formas.

São — a cultura da exposição e o filtro invisível da internet — os dois pilares centrais na conformação do imaginário juvenil contemporâneo, pois ambos operam como forças silenciosas, porém potentes, que moldam comportamentos, afetos e identidades em um ambiente marcado pela hiperconexão, pela estética da presença e pela lógica da validação imediata.

A exposição constante nas redes sociais, longe de promover autonomia e pluralidade, tende a reforçar padrões normativos e a estimular uma performance identitária voltada mais para o reconhecimento externo do que para a expressão autêntica. A ansiedade de performance e a conformidade comportamental, nesse contexto, não são desvios, mas sintomas de um sistema que premia a aparência, a velocidade e a superficialidade.

Associada a isso, a vigilância social permanente, somada à ausência de mediação crítica, transforma os espaços digitais em arenas de julgamento, onde o medo de errar supera o desejo de refletir.

Ao mesmo tempo, os algoritmos atuam como filtros invisíveis que personalizam a experiência *online* com base em interações passadas, reforçando gostos prévios e limitando o contato com visões divergentes. Essa lógica algorítmica não apenas organiza o conteúdo, mas também modela o desejo, a percepção e a própria noção de realidade. O narcisismo digital, por sua vez, alimentado por sistemas de recompensa como os *likes* e os *stories* temporários, intensifica a dependência emocional dos jovens em relação ao ambiente virtual, afetando diretamente sua saúde mental, autoestima e capacidade de engajamento crítico.

Todos esses aspectos confirmam nossa hipótese de que a internet mantém os jovens em estado de ocupação constante por meio de conteúdos leves, superficiais e de rápida assimilação, cuidadosamente selecionados por algoritmos que reforçam preferências individuais e estimulam o consumo contínuo e acrítico da informação. Tal dinâmica tende a dificultar o desenvolvimento da consciência reflexiva e do pensamento complexo, essenciais para a leitura aprofundada da realidade.

Contudo, a cultura da exposição digital, por si só, não afasta os jovens da reflexão — o afastamento ocorre quando essa cultura é dissociada de práticas formativas críticas. Por isso, é urgente repensar os espaços de formação — especialmente a escola — como ambientes de resistência simbólica e construção coletiva. A educação midiática crítica deve ser incorporada como eixo transversal, capaz de promover a leitura reflexiva dos discursos digitais, o reconhecimento das dinâmicas algorítmicas e o fortalecimento da autonomia subjetiva. Mais

do que limitar o tempo de tela, é preciso ampliar o tempo de escuta, de diálogo e de elaboração simbólica.

A juventude contemporânea não está apenas conectada — ela está imersa em um ecossistema comunicacional que redefine o que significa existir, interagir e ser reconhecido. Compreender essa imersão é o primeiro passo para construir estratégias que não apenas protejam, mas empoderem os jovens diante dos desafios éticos, sociais e emocionais da era digital.

Outrossim, as Teses de Doutorado analisadas convergem na ideia de que o engajamento juvenil depende da mediação educacional, da abertura ao diálogo e da valorização dos saberes cotidianos. É urgente, portanto, propor políticas públicas que fortaleçam a educação midiática nas escolas, garantam formação docente para lidar com os dilemas da era digital e ofereçam aos jovens espaços de escuta ativa e produção significativa.

Sob essa ótica, os resultados aqui apresentados reafirmam que a reflexão sobre as variáveis da EQ exige uma abordagem transdisciplinar e reiteram a natureza emergente deste estudo, ressaltando que o enfrentamento da alienação digital deve ser priorizado, sobretudo, na área da Ciência da Informação, campo vocacionado a investigar as mediações entre o sujeito e o conhecimento. Nesse sentido, evidencia-se a importância fundamental de que novos estudos dessa natureza proliferem na área, aprofundando o debate sobre os regimes de verdade e o comportamento informacional juvenil. É por meio do fortalecimento das literacias midiática e informacional e de futuras investigações que consolidem essa práxis que se pode estabelecer a necessária dignidade humana, transformando a relação dos jovens com a rede: de uma exposição passiva em busca de validação para uma atuação consciente, pautada na curadoria crítica e na responsabilidade ética com o conhecimento compartilhado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES, Miriam Fábila; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, José. “Eu já falei que tenho algo a dizer, e disse...”: as rodas de conversa na pesquisa com jovens: potencialidade e limites para o fazer da pesquisa. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; Sússekind, Maria Luiza (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 155-168. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336853336_Eu_ja_falei_que_tenho_algo_a_dize

r_e_disse_As_rodas_de_conversa_na_pesquisa_com_jovens_-
_Potencialidade_e_limites_para_o_fazer_da_pesquisa. Acesso em: 6 ago. 2025.

AMORIM, Luciano Henrique da Silva. **Em nome de Deus? O discurso da juventude youtuber conservadora no Brasil/XXI rumo à barbárie educativa**. 2022. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/16919>. Acesso em: 22 jan. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAZZO, Walter Antonio. **Ciência, Tecnologia e Sociedade**: e o contexto da educação tecnológica. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

BAZZO, Walter Antonio. Ponto de ruptura civilizatória: a pertinência de uma educação “desobediente”. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad**, v. 11, n. 33, p. 73-91, sept. 2016. Disponível em: <https://www.revistacts.net/contenido/numero-33/ponto-de-ruptura-civilizatoria-a-pertinencia-de-uma-educacao-desobediente/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

BAZZO, Walter Antonio; SOUZA, Ana Claudia Ribeiro de. Cruzando os caminhos da educação tecnológica com a equação civilizatória. **Educitec**: revista de estudos e pesquisas sobre ensino tecnológico, v. 8, e198122, p. 1-14, jan./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.31417/educitec.v8.1981>. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/1981>. Acesso em: 8 set. 2026.

BERNARDI, Ana Júlia Bonzanini. **Educação crítica midiática**: formação para cidadania de jovens no contexto de pós-verdade e fake news. 2021. 318 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/234761>. Acesso em: 27 dez. 2025.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 35, n. 3, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13077>. Acesso em: 20 set. 2026.

BUZZETTE, Camila. Pesquisa revela influência das redes sociais no comportamento da geração Z. **Lacos Faesa**, 17 dez. 2024. Disponível em: <https://lacosfaesa.com.br/2024/12/17/pesquisa-revela-influencia-das-redes-sociais-no-comportamento-da-geracao-z>. Acesso em: 5 ago. 2025.

CAVALCANTI, Ana Claudia Dantas. Cidadania, participação e diálogo: o protagonismo juvenil como fundamento da formação crítica e da autonomia na educação. **Educação**, Santa Maria, v. 48, p. e64880, jan./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644464880>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/64880>. Acesso em: 20 dez. 2025.

CIVIERO, Paula Andrea Grawieski. **Gênese e desenvolvimento do conceito de equação civilizatória na sociedade contemporânea**. 2021. 33 f. Relatório (Pós-Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. Tradução de Bernadette Siqueira Abrão. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Vanina Costa. Boyd, danah. (2014). It's complicated: the social lives of networked teens. New Haven; London: Yale Universit. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 624-627, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682014000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 fev. 2026.

FERRETO, Willian Fernando. **Prática de escrita em ambiente digital de alunos de ensino médio de escola técnica estadual**. 2022. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/242746>. Acesso em: 15 dez. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

GABARDO, Maristella. **Mídia, para quê?**: o uso de mídias por adolescentes do ensino médio técnico integrado. 2023. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1373576>. Acesso em: 8 set. 2026.

GALEANO, Eduardo. **Os filhos dos dias**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2011.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. Disponível em: http://psico.cinead.org/wp-content/uploads/2021/10/HAN_BYUNG_CHUL_Sociedade-do-cansac%CC%A7o.pdf. Acesso em: 8 set. 2026.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HORNSTEIN, Luis. **Narcisismo**: autoestima, identidade, alteridade. São Paulo: Via Lettera, 2009.

ICLE, Gilberto; BONATTO, Mônica Torres. Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 7-28, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622017168674>. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/5qxLFTmsgbrbv8nZsBRt6ZLF/?format=pdf&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 6 set. 2026.

INSTITUTO CACTUS; ATLASINTEL. **Panorama da saúde mental**: ferramenta dinâmica de pesquisa e monitoramento contínuo da saúde mental dos brasileiros: 1º semestre 2024. [S. l.]: Instituto Cactus: AtlasIntel, 2024. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2024/11/2024-1S-Relatorio-Panorama-Saude-Mental.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.

KEMP, Simon. Digital 2024: global overview report. **DataReportal**, 31 Jan. 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 13 set. 2025.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

LOWEN, Alexander. **Narcisismo**: a negação do verdadeiro self. São Paulo: Cultrix, 1983.

LUSSANI, Andréia Lisandra. **Variáveis contemporâneas e a equação civilizatória**: possibilidades de reflexão por meio de oficinas pedagógicas. 2022. 153 f. Dissertação (Mestrado em Docência para Ciências, Tecnologias, Engenharia e Matemática) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Guaíba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2612>. Acesso em: 6 ago. 2025.

MELZ, Elisângela Regina Selli *et al.* Equação civilizatória discutida no processo educativo por meio da transdisciplinaridade. **Saberes**: revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, Caicó, v. 23, n. 1, p. 1-20, jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.21680/1984-3879.2023v23n1ID31018>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/31018/17487>. Acesso em: 6 ago. 2025.

MORAN, José. **Educação transformadora**: metodologias ativas na prática. São Paulo: Instituto Singularidades, 2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NAGUMO, Estevon; TELES, Lúcio França; SILVA, Lucélia de Almeida. Educação e desinformação: letramento midiático, ciência e diálogo. **ETD**: educação temática digital, Campinas, SP, v. 24, n. 1, p. 220-237, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8665292>. Acesso em: 9 set. 2026.

NARDI, Ludmila de. Da pedagogia crítica ao letramento crítico. **Revista Letra Magna**, v. 20, n. 36, p. 74-88, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29327/2206789.20.36-5>. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/magna/article/view/2576>. Acesso em: 23 fev. 2026.

PINHO, Ana da Silva *et al.* Youths' sensitivity to social media feedback: a computational account. **Science Advances**, v. 10, n. 43, eadp8775, p. 1-11, Oct. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1126/sciadv.adp8775>. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.adp8775>. Acesso em: 23 fev. 2026.

REDES sociais ajudam os jovens a se interessarem mais pela participação na política. **Jornal da USP**, São Paulo, 19 jun. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/redes-sociais-ajudam-os-jovens-a-se-interessarem-mais-pela-participacao-na-politica/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos**, n. 79, p. 71-94, nov. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt&ilang=pt_B R. Acesso em: 10 set. 2026.

SILVA, Danila Gomes Freire da; GONDIM, Liberalina Santos de Souza. Tecnologia e adolescência: influência nas relações interpessoais e na construção de identidade. **Revista Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 32, n. 33, p. 90-104, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v32n33/08.pdf>. Acesso em: 9 set. 2026.

SPOSITO, Marília Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 41, n. 1, e228732, p. 1-20, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.228732>. Disponível em: https://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000100206. Acesso em: 12 ago. 2025.

UNICEF (Brasil). **Guia para mobilização de adolescentes e jovens**: crescer com proteção. São Paulo: UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/guia-para-mobilizacao-de-adolescentes-e-jovens-crescer-com-protecao>. Acesso em: 6 ago. 2025.

VARSORI, Enrickson; PEREIRA, Sara. Vida digital: relações entre jovens e tecnologias. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 113-139, ago./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2020v16n2p113>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347867386_Vida_digital_relacoes_entre_jovens_e_tecnologias. Acesso em: 22 jan. 2026.

Declaração de Contribuição dos Autores

Luciana Flor Correa Felipe – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal – Investigação – Metodologia – Administração do Projeto – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

Walter Antonio Bazzo – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal – Validação – Visualização – Escrita (análise e edição).

Como citar o artigo:

FELIPE, Luciana Flor Correa; BAZZO, Walter Antonio. A era do like e do silenciamento da reflexão: a juventude, a exposição digital e a complexidade civilizatória. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v. 10, p. e43104, 2026. DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2026v10n1ID43104>.

Editora de seção

Dra. Nancy Sánchez Tarragó  